

# PRODUÇÕES AGRÍCOLAS URBANAS - O DISCURSO E A PRÁTICA DA SUSTENTABILIDADE EM UMA “FAZENDA URBANA” DE BELO HORIZONTE

Keyty de Andrade Silva<sup>1</sup>

André Rocha Franco<sup>2</sup>

## Agroecologia e Produção Agrícola Sustentável

### RESUMO

O fenômeno crescente de industrialização acarretou mudanças significativas nas relações socioambientais nas cidades. Efeitos da crescente urbanização e seus impactos sobre a qualidade ambiental e sustentabilidade urbana tornaram-se bastante presentes, principalmente no que tange à demanda por alimentos. Nesse contexto, alternativas que busquem reduzir a distância e a dependência entre o rural e o urbano passaram a ganhar notoriedade e as possibilidades para a produção alimentar nas cidades estão cada vez mais em voga, valendo-se, inclusive, do termo “sustentabilidade”. Mediante tal conjuntura, o presente trabalho teve como objetivo a análise de um *case* de produção agrícola urbana promovida pela iniciativa privada, que incorpora em seu discurso o viés da sustentabilidade. Para tanto, efetuou-se uma análise exploratória pontual sobre uma “fazenda urbana” na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, almejando-se averiguar a coerência entre o discurso proferido e a prática cotidiana da empresa. Verificou-se, porém, que a compreensão da sustentabilidade ainda encontra-se distante de uma lógica multidimensional, que atenda às necessidades da sociedade de modo abrangente.

**Palavras-chave:** Agricultura Urbana; Sustentabilidade; Fazendas Urbanas.

### INTRODUÇÃO

A busca por desenvolvimento e modernização, a partir do século XVIII e, principalmente, do século XX, como desdobramento do avanço tecnológico oriundo das Revoluções Industriais, como a Revolução Verde, teve como consequência um intenso processo de esvaziamento do campo e aumento da população urbana. Esse movimento de êxodo rural, todavia, ocasionou uma degradação da qualidade ambiental, em especial dos espaços urbanos.

Nesse cenário, a demanda por alimentos em nível mundial, como resposta aos processos de modificação de uso e ocupação do solo, de urbanização, de aumento de renda

---

<sup>1</sup>Graduada em Ciências Socioambientais (UFMG). Mestranda em Sociedade, Ambiente e Território (UFMG/Unimontes). [andrade.keyty@gmail.com](mailto:andrade.keyty@gmail.com)

<sup>2</sup>Graduado em Ciências Biológicas (PUC Minas). Mestre em Análise e Modelagem de Sistemas Ambientais (UFMG). Doutorando em Geografia (UFMG). Professor Assistente do Departamento de Ciências Biológicas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: [andrefrancobio@yahoo.com.br](mailto:andrefrancobio@yahoo.com.br)

per capita e de crescimento populacional, tornou-se pauta prioritária das discussões em todas as esferas da sociedade contemporânea.

Conforme dados da ONU (2012), o crescimento da população mundial, projetada para 8 bilhões em 2024 e 9,5 bilhões em 2050, poderá culminar na migração de aproximadamente 2,5 bilhões de pessoas para as áreas urbanizadas até meados do século XXI. A urbanização desenfreada, tanto em nível local quanto global, sinaliza com novas dificuldades para a produção de alimentos, envolvendo, por exemplo, fenômenos de alterações climáticas que poderão resultar na redução da disponibilidade de recursos hídricos propícios para uso em irrigação, conforme apontamentos do Relatório Stern (2006).

Considerando o cenário supramencionado, emerge a discussão referente à necessidade imediata de adoção de soluções inovadoras e tecnológicas para a questão do crescimento populacional e da disponibilidade de alimentos. Deve-se considerar, também, o desenvolvimento de alternativas que tragam, em sua essência, as múltiplas dimensões da sustentabilidade (social, cultural, econômica, política, ambiental, dentre outras), visando ao atendimento das gerações atuais sem gerar prejuízos para as futuras.

Nesse contexto, este trabalho objetiva, mediante análise exploratória de um *case* de agricultura urbana em Belo Horizonte, verificar a incorporação das dimensões da sustentabilidade em suas práticas cotidianas e no discurso apresentado na *web*.

## **METODOLOGIA**

No âmbito metodológico, optou-se pela realização de levantamento bibliográfico e de pesquisa exploratória, com o objetivo de criar uma maior familiaridade com o problema exposto e de formular problemas mais precisos para estudos posteriores (GIL, 1999).

Procedeu-se, também, com a análise de conteúdo das informações existentes no *website* e redes sociais relacionadas à empresa *Be Green*<sup>3</sup> - objeto desta pesquisa - e com uma visita técnica ao espaço seu espaço físico, localizada na região centro-sul de Belo Horizonte, pela disciplina de Agricultura Urbana do Curso de Especialização em Planejamento Ambiental Urbano e Produção Social do Espaço da PUC Minas.

Durante a visita, realizou-se um reconhecimento do espaço físico, acompanhado de entrevista não-estruturada com um dos idealizadores da marca. Esse procedimento foi

---

<sup>3</sup> A *Be Green* é um espaço localizado no Shopping Boulevard, bairro Santa Efigênia, região centro-sul do município de Belo Horizonte. O propósito da empresa é cultivar alimentos frescos por meio de um manejo responsável.

empregado no sentido de possibilitar, de modo flexível, a obtenção do maior número possível de informações sobre o tema “agricultura urbana e sustentabilidade”, segundo a visão do entrevistado, além de permitir a obtenção de maior detalhamento sobre as práticas realizadas. Essa tipologia de entrevista “se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados”, como assinala Gil (1999, p. 119).

Utilizou-se, ainda, a análise do discurso mediante dados levantados, com o objetivo de proporcionar uma reflexão sobre as condições de produção e significados tanto em informações produzidas pela empresa em seu *website*, quanto durante a visita e entrevista.

Posteriormente, para uma melhor compreensão e associação do discurso proferido com as premissas da sustentabilidade propostas por Ignacy Sachs (2002), realizou-se uma comparação entre as técnicas de sustentabilidade apresentadas pela empresa e às dimensões propostas pelo referido economista franco-polonês.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No discurso e no conteúdo apresentado pela empresa em seu *website*, nas redes sociais e na entrevista realizada com um dos fundadores da *Be Green*, é possível encontrar elementos que demonstram como a dicotomia campo-cidade e como a visão de um rural distante vem sendo apropriada como uma estratégia de promoção de uma sustentabilidade urbana, que não integra as cadeias produtivas rurais.

Plantando e colhendo dentro da cidade, encurtamos a distância entre os alimentos e você. Sem a necessidade de transportar as hortaliças do campo até grandes centros urbanos, é possível eliminar as perdas que acontecem durante essa jornada, que hoje ultrapassam 80% de tudo que é produzido nas fazendas brasileiras. (BE GREEN BOULEVARD, s/d)

Esse possível distanciamento entre o produtor rural e a lógica da agricultura urbana, mencionado no fragmento acima, se contrapõe à lógica de sustentabilidade territorial, apresentada por Sachs (2002). Nessa dimensão, o autor defende a necessidade de um balanceamento entre as configurações urbanas e rurais, eliminando as tendências de investimentos prioritários e de centralidade de olhares para o espaço urbano.

Na perspectiva da sustentabilidade econômica, notou-se que, a utilização de tecnologia moderna e pouco agressiva ao meio ambiente no sistema produtivo (que envolve cultivo hidropônico) e a ausência da utilização de insumos agrotóxicos, demonstrando uma preocupação com a segurança alimentar, favorece uma adesão à processos sustentáveis. Por outro lado, não foi possível verificar a possibilidade de incorporação e reprodução do modelo

de agricultura urbana proposto pela *Be Green* nas comunidades residentes no seu entorno, o que dificulta a adesão social à lógica produtiva e, também, o desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado, conforme recomendação de Sachs (2002).

No que tange à sustentabilidade social, a empresa relata que os funcionários recebem cestas de hortaliças periodicamente, subsídios para transporte em bicicletas (“vale-bike”) e outras facilidades que podem favorecer um modo de vida mais “sustentável”. Contudo, ao entrecruzar esse discurso com a dimensão social de Sachs, verificou-se a inexistência de estratégias que favoreçam uma homogeneidade e coesão social e uma participação efetiva dos funcionários no ciclo produtivo e no acesso à informação. Esse fenômeno contribui para a afirmação do paradigma de divisão e estratificação do trabalho nos sistemas produtivos industriais, o que pode fomentar uma alienação do trabalhador e dificultar o processo de incorporação crítica das atividades desenvolvidas na empresa e daquilo que se propõe enquanto “estilo de vida sustentável”.

Ao avaliar a dimensão cultural da sustentabilidade, é possível observar uma imposição “de cima para baixo” de um modelo de vida “saudável” e contemporâneo, apontado de acordo com a perspectiva de um dos idealizadores da marca que pode não ser compatível com os modos de vida dos funcionários, seu estilo de vida e escolhas pessoais. Isto reflete diretamente no respeito aos modos de vida, defendidos por Sachs. Além disso, não há uma valorização do conhecimento histórico dos funcionários e das práticas de agricultura convencionais, supervalorizando os mecanismos tecnológicos sem a inserção da tradição.

No que diz respeito às dimensões ambientais e ecológicas, segundo os idealizadores, a iniciativa é tratada como a primeira “Fazenda Urbana” da América Latina, em que conjuga-se produção de hortaliças sem agrotóxicos, em estufas aquapônicas, além de ocorrer uma comercialização em mercados e restaurantes, adotando modelos agroecológicos e práticas sustentáveis no sistema produtivo. Essas alternativas são importantes para a quebra de produção de alimentos em larga escala que utilizam grande percentual de insumos químicos. Ao incorporar os aspectos de produção agroecológica, respeitam a lógica natural dos sistemas ecológicos, tornando-se uma alternativa viável em meio a uma lógica industrial.

Das dimensões de política nacional e internacional, ressalta-se o cumprimento de dois Objetivos Para o Desenvolvimento Sustentável (ODS), recomendados pela ONU. Um deles refere-se às Cidades e Comunidades Sustentáveis, principalmente no que diz respeito a redução do impacto ambiental negativo nos centros urbanos; já o outro, relaciona-se à Saúde e Bem-Estar, uma vez que a iniciativa visa à geração e consumo de alimentos saudáveis.

Ao analisar as dimensões da sustentabilidade trabalhadas por Sachs e a associação do discurso e da prática sustentável defendidos pela *Be Green*, foi possível perceber que as atividades que giram em torno do eixo ambiental são tratadas de uma maneira mais consistente e atendendo em alguma medida aos parâmetros defendidos pelo autor. Já a dimensão social torna-se invisibilizada e reduzida a ações pontuais que atendem a visão de mundo dos proprietários sem que haja um diálogo construtivo e troca de saberes.

## CONCLUSÕES

A temática sustentabilidade emerge como uma alternativa extremamente difundida na sociedade contemporânea para uma crise ambiental manifesta, que exige a adoção de soluções prementes para a reversão de impactos aos recursos naturais, originários primordialmente de ações antropogênicas. Todavia, a vulgarização e a redução da sustentabilidade a ações pontuais e soluções tecnológicas, relacionadas exclusivamente a fatores ambientais *stricto sensu*, não respondem às reais demandas da sociedade.

Partindo desta premissa, percebeu-se que o modelo produtivo investigado adota em seu discurso, incorporado na missão, valores e nos próprios conteúdos midiáticos da empresa, a sustentabilidade como mote para suas ações. Contudo, tal abordagem requer uma análise multidimensional, que não restrinja sua abrangência a somente fatores técnicos e tecnológicos, fazendo-se necessária uma resignificação da lógica do “ser sustentável”. Essa conduta deve favorecer processos de coesão e desenvolvimento social intersetorial, respeito à tradição e equilíbrio rural-urbano, mediante incorporação das dimensões sociais, histórico-tradicionais, territoriais e políticas no cerne do sistema produtivo.

## REFERÊNCIAS

- ONU - Organização das Nações Unidas. The United Nations, Population Division, **Population Estimates and Projections Section**. United Nations. Department of Economic and Social Affairs. 2012.
- SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Garamond. Rio de Janeiro, 2009. p. 85-88.
- STERN, N. Stern Review. **The Economics of Climate Change**, UK, 2006. 267p.
- ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K. (Org.). **Desenvolvimento e Conflitos Ambientais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. v. 1. 484p.